

| LEETRA • Indígena |

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos



LEETRA Indígena

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA

Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil

Volume 07 - Edição Especial

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Design e Diagramação

Eld Johonny

Revisão

Eld Johonny

Larissa de Paula Ferreira

Maria Sílvia Cintra Martins

Capa

Eld Johonny

Desenho capa e ilustração

Luciano Ariabo Kezo

Endereço para correspondências

Universidade Federal de São Carlos | Laboratório de Linguagens LEETRA

Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07

CEP: 15.566-905 - São Carlos - SP | Telefone: (16) 3306-6510

Pedido de assinaturas em grupo.leetra@gmail.com

Material disponível em formato digital em: www.leetra.ufscar.br

LEETRA INDÍGENA. n.7, v. 1, 2014 - São Carlos: SP: Universidade

Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral - Edição Especial

ISSN: 2316-445X

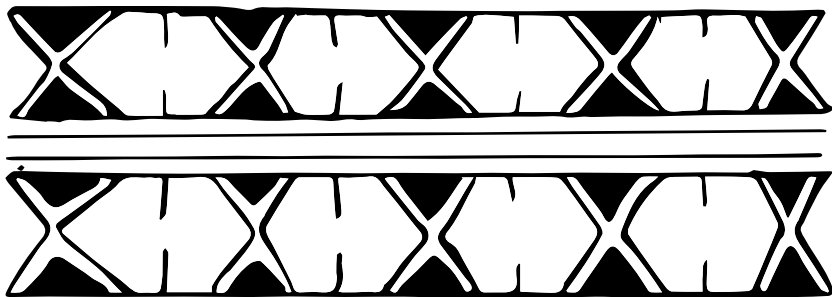
1. Cultura indígena 2. Línguas indígenas brasileiras

3. Educação

Editorial

A revista LEETRA Indígena, publicação do Laboratório de Linguagens LEETRA sediado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, comporta resultados de pesquisa em andamento no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que abriga as linhas de pesquisa “Estudos em Literatura Ameríndia”, “Tradução e Transcrição”, “Línguas Indígenas” e “Letramento e Comunicação Intercultural”. A revista busca preencher o espaço hoje necessário do reconhecimento progressivo da importância e da validade das línguas, das culturas e das literaturas indígenas presentes milenarmente em território nacional, sem que ainda lhes tenha sido conferido o valor correspondente. Todas as publicações vêm obtendo uma tiragem limitada em papel e encontram-se disponíveis online (www.leetra.ufscar.br). As Revistas LEETRA Indígena 1, 2 e 4 focalizaram a Literatura de diferentes povos indígenas brasileiros; a Revista LEETRA 3, em número especial, envolveu a publicação do caderno de estudos bilíngue YASÚ YAPURUGITÀ YEGATÚ, com 23 lições e um glossário para o estudo da língua nhengatu. Já as edições especiais dos números 5 a 12 envolvem material de apoio voltado aos professores, particularmente do Ensino Fundamental, e também do Ensino Médio, para seu trabalho voltado à implementação da lei 11.645/08, que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino em território nacional.

Agradecemos a todos que vêm contribuindo com estas edições, seja pela submissão de trabalhos, na participação na Comissão Editorial, no Projeto Gráfico e Diagramação, seja, ainda, na concessão de fotos e grafismos.



Vamos trabalhar juntos?

Antônio Fernandes Góes Neto

Como podemos resolver os problemas da comunidade em mutirão, palavra vinda do potyrõ com o apoio da temática indígena nas ações da escola?

O interessante é justamente não dar as etimologias prontas aos alunos, pais e demais pessoas da comunidade escolar. A etimologia é um instrumento de pesquisa, que deve fazer parte de um projeto sempre maior, no qual as palavras indígenas desencadeiam temáticas que são do interesse da comunidade escolar.

1. Palavras sobre trabalho em língua portuguesa

As casas de taipa, ou pau a pique, eram construídas coletivamente, articuladas com bambus (taquaras) e cipós, principalmente entre os habitantes caipiras e caiçaras.

Em tupi antigo (ou tupinambá):

porabyky - trabalhar

potyrõ - trabalhar em grupo

Em tupi moderno (nheengatu), falado no Alto Rio Negro, na região Amazônica.

poxirú - ajudar



O que significa o verbo pilar?

Nas habitações populares brasileiras, desde muito tempo atrás, se usava o barro para fazer as estruturas. Uma das formas de modelar o barro era por meio do pilão. Por isso, a casa de taipa de pilão também é chamada apiloada.

O pilão é prática para a construção de casas e também para o preparo de alimentos, este muito comum entre os povos africanos que vieram para o Brasil. Já era utilizado na agricultura para socar alguns alimentos, tais como o milho e o café. Para sua confecção, utilizavam-se troncos de madeiras duras - como a maçaranduba, a peroba, a canela preta, o guatambu e o limoeiro - que eram escavados com fogo, e, sua haste (denominada mão de pilão), era feita com um pedaço aparelhado dessas madeiras.

Você sabia que as terminações em -eiro servem, desde muito tempo atrás, para nomear profissões? A palavra brasileiro era o nome de quem trabalhava com pau-brasil no período da colonização, e brasilico era quem nascia no nosso país. Não à toa, os pedreiros são, hoje, pessoas que trabalham na construção de casas e prédios a base de cimento.

2. Interpretação de texto

Mutirão - Cocoricó

Só uma andorinha não faz verão,
Só um tijolinho não faz um paredão,
A força vem da união!
Água com farinha no forno faz um bolo,
Água com argila no forno faz tijolo,
Tijolo com tijolo faz um paredão,
Mas sem cimento cai tudo no chão.
Como é lindo ver uma parede crescer,
Ver a sua casa nascer da sua mão,

Mão de pai, mão de irmão,
Mão de amigo que sempre dá uma mão.
Vamos nessa que o tempo passa,
Mãos à obra, mão na massa,
Tijolo com tijolo faz um paredão,
Mão com mão faz multirão.
Multirão!
Água com farinha no forno faz um bolo,
Água com argila no forno faz tijolo,
Tijolo com tijolo faz um paredão,
Mão com mão faz multirão.

Depois de cantar junto com os outros colegas essa música do cocoricó, responda às questões abaixo:

O que significa a expressão “dar a mão”?

Qual o sentido da palavra “com” nos versos da canção?

Pergunte aos seus pais ou parentes mais velhos o que eles sabem sobre a expressão “uma andorinha só não faz verão”.

Quais outras formas de construção de casas existem no nosso país? E no nosso bairro conseguimos encontrar alguma? Você conhece alguma pessoa que trabalha com a construção de casas? Se você conhece alguém que é pedreiro, dê parabéns a ele, pois seu trabalho é muito importante para nossas vidas.



3. Montagem de maquetes com argila e farinha

Construir maquetes pode ser um projeto divertido para passar o tempo com os alunos de forma dinâmica, reunindo os conteúdos aprendidos com a mão na massa...

Reúna os alunos em duplas e peça para construírem um tipo de habitação que mais lhes interessar (adobino, taipa de pilão, taipa de mão, etc), após realizarem as pesquisas no bairro em que moram.

A estrutura básica de uma maquete possui quatro paredes de suporte e um teto. As paredes devem se encontrar a um ângulo perfeito de 90° para criar a maior quantidade de suporte. A decoração e os materiais para as paredes dependerão do estilo de casa desejado. As casas mais simples serão construções de papelão que serão pintadas para lembrar painéis de madeira ou vinil. Estruturas mais avançadas podem ser feitas de lama, adobe ou palha. Pode-se ainda construir pequenos tijolos de argila vermelha e fazer uma argamassa de farinha e água. O telhado tradicional é uma construção de duas peças que faz um ângulo em um ponto no centro. Tente aumentar a altura das paredes traseiras para fazer um telhado inclinado; esses são populares em áreas com neve. Prenda, se for possível, uma dobradiça no lado de baixo do telhado.

É interessante que os alunos tenham liberdade para nomear suas maquetes.

4. Altura do pilão

A altura de um pilão variava entre 30 e 70 cm, e uma haste media de 60 cm a 1,2 m.

Vamos trabalhar a diferença geométrica entre o pilão e as casas de taipa de pilão com os alunos?

Algumas referências para se aprofundar mais:

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=629&Itemid=195

<http://tupi.fflch.usp.br/>